

A PROPÓSITO DO «DOUTOR PACHECO»

UMA CARTA DO SR. CONDE D'AURORA

Do ilustre escritor conde d'Aurora, recebemos uma carta respeitante ao artigo do nosso colaborador Octávio Sérgio, intitulado «O Doutor Pacheco», publicado no caderno Domingo de 20 do corrente. Carta muito curiosa, refere-se a alguns traços biográficos do seu parente o dr. João Gonçalo Pacheco Pereira. Dela extratamos alguns passos:

«Nesse artigo havia umas leves inexactidões, mais de forma de que fundo, mas que magoaram os filhos do dr. João Pacheco.

«Não me assiste qualquer direito de resposta: não tenho qualquer sombra de legitimidade para me dirigir a V. a solicitar a rectificação dos factos mas, conhecedor do alto espirito de isenção e de elegância que em geral preside às normas desse seu diário, afotó-me a fazê-lo, e muito confiadamente.

«Na persuasão, ainda, de o meu velho camarada Octávio Sérgio, pela sua conhecida grandeza de alma, ser o primeiro a concordar.

Na referida crónica, intitulada «O Dr. Pacheco», atribui-se-lhe duvidosa qualidade de descendente de famílias nobres, inclusiva de Nun'Alvares Pereira.

«O dr. Pacheco Pereira, senhor da lindíssima Casa de Belmonte (dos pouquíssimos solares da cidade do Porto, e desses, dos poucos ainda não destruídos como a Casa da Fábrica e o Solar do Conde de Arcochela, na Rua Escura, única moradia nobre do séc. XVII deste burgo!) — era o representante directo do grande Duarte Pacheco Pereira de que fala Camões.

«Por sua mãe, D. Maria Angelina Pereira da Silva Sousa Menezes, irmã mais nova da 2.ª condessa de Bertlandos (Senhora de Casa) descendia da filha única do Condestável D. Nuno Alvares Pereira.

«Pela avó paterna (mãe do pai) descendia dos marqueses de Alegrete, condes de Tarouca e marqueses de Penalva.

Etc., etc., etc...

«Quanto a nobreza de sangue.

«Quanto à anedota dele ter destruído uma capela para implantar lá uma casa de tavolagem (transformado esse meu tio numa espécie do meu amigo Alreia, da Póvoa ou do Crespo, de Espinho, «avant la lettre» — nada mais fantástico!

Nesse capítulo estivemos sempre, a parentela toda também, aliás, do outro lado do pano verde; e de aí ele ter gasto uma fortuna que avalio em cinquenta mil contos de hoje, desde as quintas todas de Entre-Quintas, que eram dele, à da Pacheca, do Douro vinhateiro, e tantos foros na cidade do Porto que ainda hoje aqui pelo Ribeirinho aparecem enfiletadas seus!

«Para não falar na sala de ouro cinzelado, vendida em Paris ao Rotchind, por 2 mil libras ouro, pelo avô Rosas, e que o filho descreveu na revista «Musée».

«Também nunca foi «pobre orgulhoso» — um pobre sim, pedinte, mendigo, a pedir escola cinquenta anos, mas sempre «humildemente»!

«E não pedia para «qualquer questão forense» — não, pedia para comprar livros jurídicos e montar banca de advogado... aos 80 anos!

«Não é menos grave, mas trata-se de um pequenino pormenor de verdade histórica — da «Petite histoire»!

«Também não morreu em castre miserável — morreu sem indigência numa pobreza digna, amparado pelos filhos e netos e demais parentes — e ainda pela Ordem dos Advogados que lhe dava uma pensão mensal.

«Os pormenores da vida dessa estranha figura portuense, semelhante ao Velga do «Serão Inquieto», e à «Mãe e Filha» do pintor Sampaio — e a tantas outras de quando o burgo não caíra ainda na uniformidade seriada da actualidade — podem ser pouco diferentes na realidade do que a imaginação do meu querido camarada O. S. desenhou mas esses pequeninos nada sempre têm o grande interesse do ajustamento».